



## ECONOMIA E NEGÓCIOS

TECNOLOGIA

### Quanto custa uma nova idéia?

**Quanto o freguês puder pagar. Para o consultor americano James Love, as inovações tecnológicas deveriam ser bancadas por um fundo internacional**

FRANCINE LIMA

O horário mais provável para falar por telefone com o consultor James Love é entre um vôo e outro. Acostumado a receber ligações de lugares tão distantes como Tailândia e África do Sul, Love traz, na ponta da língua e em um inglês acelerado, o teor dos debates travados nos mais variados idiomas sobre um assunto complexo: os direitos de propriedade intelectual. Diretor da instituição CPTEch, recentemente rebatizada de Knowledge Ecology International, ele é um dos maiores defensores de um sistema flexível de proteção da propriedade intelectual. Love propõe que os países pobres quebrem as patentes de medicamentos contra a aids, alegando que os preços cobrados pelos grandes laboratórios são proibitivos. Seu trabalho é assessorar governos a comprar - e ganhar - essa briga, dentro da lei e das regras da diplomacia.

O Brasil já ameaçou quebrar patentes, mas voltou atrás. Continua obedecendo aos ditames dos acordos que assinou ao entrar para a Organização Mundial do Comércio (OMC), nos anos 1990. Um deles é o chamado Trips (sigla em inglês para Aspectos da Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio). Para Love, esse tratado coloca os detentores de patentes em uma situação confortável para cobrar o que bem entenderem por seus produtos. Remédios anti-aids podem custar alguns milhares de dólares por ano por paciente. Sem dinheiro para pagar preços tão altos e cercados de normas que impedem a cópia de fórmulas para fazer genéricos, os países em desenvolvimento ficam reféns dessas regras - a não ser quando seguem os conselhos de James Love. Por celular, de Port of Spain (capital de Trinidad e Tobago), ele deu a seguinte entrevista a ÉPOCA.

#### JAMES LOVE

##### ■ Quem é

Economista americano de 57 anos, formado pelas universidades Harvard e Princeton

##### ■ O que fez

Fundou uma organização para defender os interesses dos consumidores e incentivou a quebra de patentes de medicamentos em países pobres

##### ■ O que faz

Dá palestras em todo o mundo e orienta governos de países onde há conflito de interesses relacionados à propriedade intelectual



### **ÉPOCA - As formas de proteção à propriedade intelectual vão mudar?**

**James Love** - No caso dos medicamentos, defendo a troca de um sistema de preços altos por outro, de premiação da inovação. É uma forma diferente de incentivo ao desenvolvimento de novas drogas. Eu gostaria de ver os governos trocar acordos baseados na proteção da propriedade intelectual por acordos focados em pesquisa e desenvolvimento. Nos Estados Unidos, isso já está sendo formalmente proposto. É uma questão importante para a economia, e há muitas pessoas interessadas. Acredito que isso aconteceu por causa do esforço da CPTEch. Primeiro, atuamos com o acesso a remédios e, depois, ampliamos o leque das discussões para softwares, publicações científicas, produtos para educação e entretenimento. A área de medicamentos é a que mais nos entusiasma. Alguns países, onde a indústria farmacêutica internacional tinha o monopólio da produção e cobrava preços altos, conquistaram um sistema novo, de incentivo à produção.

### **ÉPOCA - Mas os laboratórios dizem que os preços são justos, pois precisam cobrir seus custos com pesquisa e desenvolvimento.**

**Love** - Não devemos ficar discutindo eternamente se os preços são justos ou não. Sabemos que algo está errado. Cobrar preços tão altos e ver que pessoas ficam doentes e não têm acesso aos remédios só pode ser visto como problema. Se queremos que todos tenham acesso aos medicamentos importantes, é necessário criar uma forma de estimular a inovação sem que as pessoas pobres fiquem de fora. A proposta de criar o Medical Innovation Prize Fund (Fundo para Premiação da Inovação Médica) é promissora.

### **ÉPOCA - Como funcionaria esse fundo?**

**Love** - A idéia é a seguinte: em vez de tentar evitar que a concorrência copie os produtos patenteados, as patentes transformariam o detentor da fórmula em candidato a receber pagamentos de um fundo público. A quantia que cada criador de novos medicamentos teria a receber dependeria do benefício que a droga traria para a saúde. Esse sistema poderia encorajar avanços e incentivar a indústria a alcançar os consumidores que mais precisam dos produtos. Em geral, os remédios mais modernos e certos são caros, enquanto os tratamentos mais baratos, e acessíveis a mais pessoas, não são tão eficientes. O novo modelo desestimula o monopólio e pode derrubar os preços. A sociedade não precisaria mais escolher entre desenvolver os melhores remédios e contentar-se com tratamentos baratos. Essa mudança parece tão radical quanto a internet parecia, 15 anos atrás. Mas algumas companhias gostaram da idéia.

### **ÉPOCA - E a quebra de patentes? É uma saída viável?**

**Love** - Alguns países já realizaram o licenciamento compulsório (nome técnico da quebra de patentes). A Malásia anunciou recentemente que vai fazer isso com medicamentos contra a aids. A África do Sul fez o mesmo em 2003, inclusive com o AZT e outras drogas européias que compõem o coquetel. Os governos de Gana, Zâmbia, Zimbábue, Moçambique, entre outros, estão no mesmo caminho. Nos últimos quatro anos, os Estados Unidos também ameaçaram quebrar patentes, e uma das tentativas estava associada ao caso do antraz. Taiwan, Coréia e China também estão colocando a quebra de patentes na pauta do dia. Em fevereiro de 2005, o governo da Índia aprovou o licenciamento compulsório de centenas de medicamentos que comprava. Muita coisa está acontecendo no mundo, menos no Brasil.

### **ÉPOCA - O que deu errado aqui?**

**Love** - O Brasil tentou, mas não tentou para valer. Eu me lembro do que aconteceu em 2001 (depois de tentar negociar o preço do medicamento, o então ministro da Saúde, José Serra, ameaçou quebrar a patente do Viracept, do laboratório Roche, usado no tratamento da aids). E me lembro do falatório que veio depois das ameaças de quebra de patente. Muita gente queria e ainda quer fazer isso. Foi uma decepção o Brasil voltar atrás.

### **ÉPOCA - O que o Brasil deve fazer?**

**Love** - É preciso incentivar a inovação e melhorar o acesso aos novos medicamentos sem ter de forçar a barra. Um passo positivo foi a proposta de um novo modelo de pesquisa e desenvolvimento para a saúde, apresentada pelo Brasil e pelo Quênia na assembléia da Organização Mundial de Saúde, em maio. A idéia é criar um fundo internacional que financie a pesquisa de doenças negligenciadas, como leishmaniose, malária e doença do sono. Embora

matem milhares de pessoas por dia nos países em desenvolvimento, essas doenças recebem pouca atenção da comunidade científica internacional. A iniciativa causou surpresa, e até o governo Bush foi convencido a deixar a oposição e partir para o apoio. No dia 4 de dezembro, um grupo intergovernamental dará início a novas negociações sobre essa proposta. Esse é um exemplo de trabalho de diplomacia bem-sucedido, realizado pelo Brasil.



**ÉPOCA - Mas a conquista da proteção às patentes e aos direitos autorais também foi considerada um avanço.**

**Love** - Nas discussões internacionais, a proteção à propriedade intelectual virou prioridade nos anos 1980. Nos Estados Unidos, quem liderou o esforço foram as indústrias de música e de cinema. No Brasil, a pressão mais forte veio da indústria farmacêutica.

**ÉPOCA - O senhor defende um movimento inverso?**

**LOVE** - Até hoje, há uma busca por formas de proteger ainda mais a propriedade intelectual. Mas isso coexiste com um movimento em direção a um sistema mais aberto, e estão sendo criadas alternativas. As campanhas em prol do acesso ao conhecimento estão mudando o foco do debate. Em vez de pirataria, a prioridade agora é o acesso, e um exemplo disso é o movimento de distribuição de softwares livres. Na educação, as oportunidades mudariam se estudantes de todos os lugares pudessem ler revistas acadêmicas na internet ou nas bibliotecas, de graça. Acesso ao conhecimento é essencial para o desenvolvimento.

Foto: divulgação Foto: Wilton Junior/AE